



Espécies vegetais empregadas para fins medicinais no tratamento de doenças do aparelho digestivo

Plant species used for medicinal purposes in the treatment of diseases of the digestive system

Especies de plantas utilizadas con fines medicinales en el tratamiento de enfermedades del sistema digestivo

Fellipe Matheus Miranda Rios¹, William Macedo Lima Filho¹, Wermerson Assunção Barroso¹, Flávia Amaral Mendonça do Amaral¹, Roberta Sabrine Duarte Gondim¹.

RESUMO

Objetivo: Discutir sobre o uso de fitoterápicos no tratamento de doenças do trato gastrointestinal. **Revisão bibliográfica:** A história do uso de fitoterápicos no tratamento de enfermidades remonta às civilizações antigas, persistindo devido a fatores culturais e econômicos. No Brasil, a fitoterapia é relevante, impulsionada por tradições populares e uma rica diversidade de plantas. A fitoterapia é crucial para a saúde pública, fornecendo opções acessíveis, embora requeira precauções devido a possíveis reações adversas. A fitoterapia no Brasil é reforçada por regulamentações governamentais, destacando os medicamentos fitoterápicos (MF) e produtos tradicionais fitoterápicos (PTF). Diversas plantas, como alcachofra e hortelã, são indicadas para problemas gastrointestinais, com algumas integradas na Relação Nacional de Medicamentos Essenciais. Evidências científicas apoiam o uso de fitoterápicos para doenças gastrointestinais, destacando propriedades benéficas de plantas dentro e fora do Brasil. No entanto, é crucial considerar interações medicamentosas e riscos potenciais, principalmente em casos graves. **Considerações finais:** A fitoterapia no Brasil busca resgatar tradições, ampliar o acesso a tratamentos alternativos e promover a saúde. A ênfase nas condições gastrointestinais destaca a relevância dessas terapias, mas a necessidade de estudos mais aprofundados e a sensibilização dos profissionais de saúde são apontadas para orientar eficazmente o uso de fitoterápicos.

Palavras-chave: Fitoterapia, Plantas medicinais, Doenças do aparelho digestivo, Tratamento.

ABSTRACT

Objective: Discuss the use of herbal medicines in the treatment of gastrointestinal tract diseases. **Bibliographical review:** The history of the use of herbal medicines in the treatment of illnesses dates back to ancient civilizations, persisting due to cultural and economic factors. In Brazil, phytotherapy is relevant, driven by popular traditions and a rich diversity of plants. Phytotherapy is crucial to public health, providing accessible options, although it requires precautions due to possible adverse reactions. Phytotherapy in Brazil is reinforced by government regulations, highlighting herbal medicines (MF) and traditional herbal products (PTF). Several plants, such as artichokes and mint, are recommended for gastrointestinal problems, with some included in the National List of Essential Medicines. Scientific evidence supports the use of herbal medicines for gastrointestinal diseases, highlighting beneficial properties of plants inside and outside Brazil. However, it is crucial to consider drug interactions and potential risks, especially in severe cases. **Final considerations:**

¹ Afa Faculdade de Ciências Médicas de Santa Inês, Santa Inês - MA.

Phytotherapy in Brazil seeks to rescue traditions, expand access to alternative treatments and promote health. The emphasis on gastrointestinal conditions highlights the relevance of these therapies, but the need for more in-depth studies and awareness among health professionals is highlighted to effectively guide the use of herbal medicines.

Keywords: Phytotherapy, Medicinal plants, Diseases of the digestive system, Treatment.

RESUMEN

Objetivo: Discutir el uso de hierbas medicinales en el tratamiento de enfermedades del tracto gastrointestinal. **Revisión bibliográfica:** La historia del uso de hierbas medicinales en el tratamiento de enfermedades se remonta a civilizaciones antiguas, persistiendo debido a factores culturales y económicos. En Brasil, la fitoterapia es relevante, impulsada por las tradiciones populares y una rica diversidad de plantas. La fitoterapia es crucial para la salud pública, brindando opciones accesibles, aunque requiere precauciones por posibles reacciones adversas. La fitoterapia en Brasil está reforzada por regulaciones gubernamentales, destacando las medicinas herbarias (MF) y los productos herbarios tradicionales (PTF). Varias plantas, como las alcachofas y la menta, se recomiendan para los problemas gastrointestinales, y algunas están incluidas en la Lista Nacional de Medicamentos Esenciales. La evidencia científica respalda el uso de fitoterápicos para enfermedades gastrointestinales, destacando propiedades beneficiosas de las plantas dentro y fuera de Brasil. Sin embargo, es fundamental considerar las interacciones medicamentosas y los riesgos potenciales, especialmente en casos graves. **Consideraciones finales:** La fitoterapia en Brasil busca rescatar tradiciones, ampliar el acceso a tratamientos alternativos y promover la salud. El énfasis en las afecciones gastrointestinales resalta la relevancia de estas terapias, pero se destaca la necesidad de estudios más profundos y de concientización entre los profesionales de la salud para guiar eficazmente el uso de las medicinas a base de hierbas.

Palabras clave: Fitoterapia, Plantas medicinales, Enfermedades del aparato digestivo, Tratamiento.

INTRODUÇÃO

O uso de plantas para diversas finalidades, como alimentação, cura e prevenção de doenças é uma prática muito antiga exercida pelo ser humano. No que diz respeito ao tratamento de patologias, o fator primordial para utilização de plantas medicinais é o baixo custo de algumas terapias medicamentosas ou a dificuldade ao próprio sistema de saúde (PATRÍCIO KP, et al., 2022).

No Brasil, o uso extensivo de plantas medicinais é impulsionado pela notável diversidade ambiental e pelos custos acessíveis associados à terapia à base de plantas. O país abriga uma ampla variedade de plantas, muitas das quais, quando submetidas a estudos, revelam notável teor nutricional, presença de antioxidantes e outras propriedades. Essas características conferem à muitas plantas um potencial farmacológico considerável, resultando em aplicações diversificadas em setores como saúde, cosmética e culinária (CASTRO MR e FIGUEIREDO FF, 2019).

As enfermidades que afetam o sistema digestivo possuem uma origem complexa, sendo influenciadas por diversos fatores, incluindo predisposição genética, influências do ambiente, composição da microbiota intestinal e resposta imunológica do indivíduo (SOUZA MVF, et al., 2021).

Frequentemente, essas condições se manifestam por meio de um conjunto de sinais e sintomas que se enquadram em quatro categorias comuns: dor abdominal ou torácica, distúrbios na ingestão de alimentos, tais como náuseas, vômitos, disfagia, odinofagia ou anorexia, irregularidades no funcionamento do intestino, como diarreia ou constipação, e episódios de sangramento no trato gastrointestinal, que podem ocorrer de forma súbita ou ser precedidos por um ou mais dos distúrbios mencionados anteriormente (LOPES TS, et al., 2022).

Por isso, as enfermidades do sistema digestivo constituem uma preocupação importante para os profissionais de saúde, já que geralmente são difíceis de tratar e prevenir, dada à falta de acesso de grande

parte da população aos recursos diagnósticos e multiplicidade de fatores causais. Nesse sentido, os produtos de origem vegetal podem representar uma fonte quase inesgotável de substâncias ativas para o tratamento de várias patologias digestivas (OLIVEIRA DF, et al., 2020). O objetivo deste artigo de revisão foi analisar e sintetizar as evidências científicas disponíveis sobre terapias alternativas utilizadas no tratamento de doenças gastrointestinais, visando fornecer uma visão abrangente e atualizada sobre a eficácia e segurança dessas abordagens terapêuticas alternativas.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

História do uso de fitoterápicos no tratamento de enfermidades

O tratamento de várias doenças do sistema digestivo vem sendo realizado através de plantas medicinais, pois desde o começo das civilizações, foi observado que algumas destas espécies continham certos princípios ativos eficazes em curar algumas enfermidades (OLIVEIRA DF, et al., 2020). Desde tempos remotos, a prática de empregar plantas para tratar e curar doenças tem sido uma parte intrínseca da história da humanidade. Esse hábito de utilizar essas substâncias vegetais com fins terapêuticos está profundamente ligado à evolução da espécie humana (CAVALCANTI JT, et al., 2021).

Mesmo com a evolução da medicina, por causa do fator cultural e muitas vezes econômico, o uso de plantas medicinais é frequente no dia a dia de muitas etnias no mundo, principalmente entre os brasileiros. Essa alternativa à medicina de alto custo é uma prática milenar que foi-se aprimorando e sendo repassada de geração em geração (PFEIFER GL, et al., 2022).

Os medicamentos obtidos a partir de matérias primas ativas vegetais estão presentes na humanidade desde seus primórdios. Desde 1978, durante a Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde, pela Declaração de Alma-Ata, a OMS reconhece o uso de fitoterápicos como profilaxia curativa e paliativa. No Brasil, a partir de 1980, foram implementadas diversas ações para integrar a fitoterapia e outras abordagens terapêuticas. Na 8ª Conferência Nacional de Saúde, foram introduzidos os princípios relacionados a práticas alternativas nos serviços de saúde. Posteriormente, em 2006, foram aprovadas a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) e a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF) para estabelecer as diretrizes para a atuação do governo na área de plantas medicinais e fitoterápicos, e para garantir o acesso seguro e racional de plantas medicinais e fitoterápicos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016).

Com o passar do tempo, homens e mulheres aprenderam a diferenciar as ervas benéficas das tóxicas, mantendo a tradição de extrair das plantas o tratamento e a cura de enfermidades. Essa prática muitas vezes é estimulada pelo pensamento de “se é natural, não faz mal”. Atualmente, esse conhecimento serve de base para pesquisas na área da botânica destinadas a conhecer e reconhecer os efeitos da manipulação de fitoterápicos. Observa-se, no entanto, que essa utilização é mais frequente em países em desenvolvimento, onde a população não tem um acesso homogêneo à medicamentos industrializados, recorrendo à terapêuticas fitoterápicas (FERREIRA ET, et al., 2019).

Observa-se que muitas pessoas recorrem a plantas, mesmo na ausência de um diagnóstico formal da doença, para aliviar dores, desconfortos e outros sintomas que possam afetar o indivíduo. Nota-se que as mulheres, em comparação com o público masculino, utilizam mais da fitoterapia para tratamento de doenças. O conhecimento delas sobre fitoterápicos aumenta ao longo dos anos. Nota-se que a partir dos 20 anos, essas mulheres já possuem esse tipo de conhecimento, sendo a transmissão intergeracional um dos fatores contribuintes. Esse fenômeno está intrinsecamente ligado a aspectos culturais e sociais, evidenciando-se ainda mais na importância atribuída aos chás e outros produtos fitoterápicos para problemas gastrointestinais, especialmente para a gastrite (MACENO R, 2021).

A importância da fitoterapia para a saúde pública

A fitoterapia é o emprego de plantas na cura de doenças. Segundo o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF), “as plantas medicinais são espécies vegetais cultivadas ou não com

propósitos terapêuticos”. Já a fitoterapia é o emprego de plantas na cura de doenças. Para o ministério da saúde, os fitoterápicos são produtos objetivos ou derivados de uma planta medicinal (exceto substâncias isoladas, com finalidade profilática, curativa ou paliativa. Essa prática muitas vezes é estimulada pelo pensamento de “se é natural, não faz mal”, mas vale ressaltar que nem toda prática fitoterápica realmente é realmente curativa e pode gerar várias reações adversas como intoxicação, náuseas, urticárias, edemas, agravamento de doenças e até óbito; além do potencial de interagir com outros medicamentos (FERREIRA ET, et al., 2019).

No Brasil essa prática é ainda mais forte por conta das tradições populares culturais, que passam de pai para filho, além do clima brasileiro, que favorece o cultivo de uma grande variedade de plantas (PFEIFER GL, et al., 2022). Uma revisão feita por Abreu JO e Abreu CRC (2022) apontou que no Brasil existem aproximadamente 55 mil espécies de plantas, sendo uma das maiores flores vegetais do planeta, presentes principalmente no cerrado. Todavia esse potencial ainda é pouco utilizado, com apenas 5 mil espécies estudadas em média e 0,4% de toda a flora nacional apenas com relatos de investigação fitoterápica.

Os medicamentos fitoterápicos (MF) são formulados exclusivamente a partir de matérias-primas de origem vegetal, sem a presença de substâncias isoladas ou altamente purificadas em sua composição. A eficácia e segurança desses medicamentos são validados por meio de testes não clínicos e ensaios clínicos. Ou seja, diferentemente dos produtos tradicionais fitoterápicos (PFT), os MF têm comprovação de eficácia e maior vigilância de uso e controle de prescrição. De acordo com a lista de registro de fitoterápicos da ANVISA, 27 substâncias são enquadradas como MF e 16 reconhecidas como PTF (LOMBARDO M, et al., 2021)

Dentre as 27 MF da ANVISA, substâncias como alcachofra, alcaçuz, cáscara sagrada, erva doce, gengibre, hortelã-pimenta, plantago e sene são indicadas para problemas de estômago e intestino; para essa mesma causa, as PTF consideradas são o boldo, camomila, espinheira-santa, hamamelis e melissa. De todos, apenas o hortelã-pimenta e plântago precisam ser prescritos pelo profissional médico em caso de síndrome do intestino irritável. Como a maior parte das pessoas que mais usam fitoterápicos (MF ou PTF) são populações vulneráveis ou de baixa renda, o SUS a partir da Relação Nacional de Medicamentos Essenciais (RENAME), contempla algumas substâncias dessas classes para serem disponibilizados aos usuários do sistema. Atuando diretamente nos problemas gastrointestinais, fazem parte dessa lista alcachofra, cáscara sagrada, espinheira santa, hortelã-pimenta e plantago (BRASIL, 2013).

As plantas medicinais podem desempenhar um papel auxiliar significativo no processo de perda de peso, no fortalecimento do sistema imunológico e na prevenção e tratamento de diversas doenças, como câncer e diabetes, entre outras. De uma perspectiva mais ampla, a fitoterapia pode ser vista como um domínio que envolve a interação de diversos conhecimentos e práticas. Ela valoriza os recursos culturais e saberes locais, promove a conservação das riquezas naturais e da biodiversidade, estimula a conexão dos indivíduos com a natureza e com os profissionais de saúde. Além disso, enriquece as opções terapêuticas disponíveis e fomenta a divulgação da pesquisa científica, promovendo uma visão crítica na população sobre o uso seguro e eficaz de plantas medicinais (DO AMARAL AS, et al., 2021).

Os medicamentos fitoterápicos são considerados integradores de alimentos e estão prontamente disponíveis no mercado sem receita médica. Nesse sentido, vale enfatizar que o amplo uso de plantas nas afecções do aparelho digestivo ocorre decorrente da alta prevalência nacional e dado à tendência à automedicação dos sintomas iniciais, tratados sem auxílio do médico (LOMBARDO M, 2021). É crucial que durante o processo de cultivo de plantas medicinais, frequentemente realizado em quintais e espaços familiares mais compactos, os responsáveis atentem para a segurança da área de plantio. Isso se deve ao risco potencial de intoxicação através do solo que pode prejudicar a planta e, por conseguinte, comprometer sua eficácia e qualidade fitoterápica. (MACENO R, 2021).

Evidências científicas da utilização de fitoterápicos para doenças gastrointestinais

Uma das aplicações mais comuns de fitoterápicos está relacionada ao tratamento de distúrbios do trato gastrointestinal, incluindo problemas dispépticos, desconfortos gastrointestinais leves, flatulência, ação antiespasmódica e prevenção de cinetose. Pesquisas têm documentado a eficácia dessas substâncias no

manejo de condições do sistema digestivo, com diversas funções terapêuticas, como a Carqueja (*Baccharis trimera*), que demonstra atividade antiulcerosa, proteção hepática, efeitos diuréticos, e potencial no tratamento da obesidade. A alcachofra também se demonstrou ser efetiva, com atividade aperitiva, eupéptica, antiespasmódica, protetora e anti-inflamatória da mucosa gástrica. (OLIVEIRA DF, et al., 2020). O hortelã-*mentha piperita* vem se mostrando eficaz para a diminuição de cólicas abdominais, náuseas e flatulências.

A combinação de medicamentos tem sido adotada como uma estratégia visando potencializar a ação sinérgica de substâncias, a fim de melhorar os resultados no tratamento de várias doenças. Isso se torna particularmente relevante em casos de doenças de origem multifatorial, situações de resistência ao medicamento ou resistência bacteriana. Estudos têm indicado vantagens significativas na utilização de combinações de fármacos sintéticos em conjunto com plantas medicinais para tratar uma variedade de infecções e cânceres, entre outros exemplos. (JUNIOR BM e GUERRA LDS, 2023)

Deve-se ter cuidado e precauções importantes para associação de fitoterápicos com quadros graves de doenças gastrointestinais ou outras complicações de saúde; possíveis interações com outros medicamentos principalmente diuréticos, cardiotônicos, antiarrítmicos e anticoagulantes, riscos de desequilíbrio eletrolítico e outros riscos no uso prolongado (ANVISA, 2018).

Por exemplo, um estudo exploratório feito por Haraguchi LMM, et al. (2020), apontou uma interação medicamentosa entre o sertralina e *Hypericum perforatum*, gerando síndrome serotoninérgica e entre Daflon® e Ginkgo biloba, que gerou alterações na coagulação. Nessa pesquisa foram relatados ainda casos de alteração na pressão arterial durante uso de hibisco, alterações nas enzimas hepáticas com uso de *Tribulus terrestris*, reação não especificada com urucum e reações dermatológicas não especificadas com espécies desconhecidas. Ademais, de acordo com a ANVISA, existem alguns grupos que deve ser evitado o uso de fitoterápicos, como gravidez, lactação, crianças menores de 12 anos e hipersensibilidade à espécie vegetal.

Um ensaio clínico publicado por Ried K (2020) mostrou a eficácia de um composto único uma combinação de ervas e nutrientes, incluindo curcumina, *Aloe vera*, olmo, goma guar, pectina, óleo de hortelã-pimenta e glutamina (Nutricion Care). Segundo dados apresentados nesse estudo, essa fórmula diminuiu sintomas gastrointestinais em pessoas com distúrbios digestivos polissintomáticos, melhorando também a qualidade de vida dos indivíduos.

No Brasil, doenças gastrointestinais são comuns e para essas patologias é comum encontrar pessoas utilizando plantas medicinais como espinheira-santa, erva cidreira, boldo, gengibre, camomila, erva-doce, manjeriço, alecrim. No caso da espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia*), planta é muito utilizada para gastrite, a literatura evidencia que ela tem um efeito menos agressivo do que os medicamentos convencionais e tem apresentado resultados antiinflamatórios positivos devido sua composição rica em captadores de radicais livres e conseqüentemente estresse oxidativo. Outras plantas também têm ação semelhante, como o alcaçuz (MACENO R, 2021).

Outras plantas são muito utilizadas no Brasil para esse mesmo fim. A camomila possui componentes ativos como o óleo essencial, os flavonóides (apigenina) e o pro-camazuleno. A apigenina confere efeito sedativo, enquanto o camazuleno proporciona propriedades anti-inflamatórias. Esses princípios ativos são extraídos por meio de chás preparados a partir da infusão das flores secas da planta. A babosa (*Aloe Vera*), conhecida por suas propriedades desintoxicantes, geralmente é consumida in natura. No entanto, muitas pessoas utilizam um gel extraído de suas folhas.

A babosa é rica em minerais, aminoácidos essenciais, enzimas, vitaminas (incluindo a B12). Devido à sua riqueza em aminoácidos, ela atua como nutriente. O alecrim possui saponinas, flavonoides, nicotinamida, colina, pectina, taninos, rosmaricina, vitamina C e óleo essencial (pineno, canfeno, cineol, borneol, eucaliptol, acetato de isobornila, valerianato de isobornila, cânfora); que são extraídos das folhas da planta. A carqueja, menos comum, incluem em sua composição flavonóides, lactonas diterpênicas, saponinas, fitosteróis, polifenóis, taninos e óleos essenciais (carquejol, acetato de carquejol, nopineno, α e β cardineno, eudesmol, calameno, eledol), os quais são retirados de toda a planta. Todas essas plantas se mostraram eficazes para tratamento de distúrbios gastrointestinais (ALVES GQ, et al., 2020).

Outras plantas medicinais menos conhecidas no Brasil também apresentaram resultados promissores em ensaios clínicos para terapêutica gastrointestinais. Por exemplo, a Barberry (*Berberis vulgaris* L.), muito popular no Irã, se mostrou promissora para doenças gastrointestinais e outras (cardiovasculares, anticancerígenas, do SNC, endócrinas), sem grandes efeitos colaterais (IMENSHAHIDI M e HOSSEINZADEH H, 2019).

A *Atractylodes macrocephala* Koidz, ou Baizhu, é uma planta medicinal muito utilizada em vários países do Leste asiático, principalmente na China para o tratamento de disfunções gastrointestinais, osteoporose, obesidade e até câncer. Uma revisão sistemática mostrou que há investigações farmacológicas que apoiam o uso dela por causa da sua composição de sesquiterpenóides, polissacarídeos e poliacetilenos. Porém ainda não se sabe ao certo os mecanismos moleculares do seu sítio de ação e nem possíveis efeitos sinérgicos e antagônicos, necessitando de uma investigação mais abrangente (ZHU B, et al., 2018).

Acredita-se que os componentes químicos biologicamente ativos presentes em certas plantas e produtos fitoterápicos tenham ação direta no alívio e cura de doenças gastrointestinais. Para o tratamento de contrações e câibras da musculatura lisa gastrointestinal, se mostraram efetivamente antiespasmódicas e espasmolíticas as plantas: *Zanthoxylum armatum*, *Matricaria chamomilla*, *Foeniculum vulgare*, *Pycnocyclus spinosa*, *Atropa belladonna*, *Lavandula angustifolia*, *Mentha pulegium*, *Glycyrrhiza uralensis*, *Anethum graveolens* e *Origanum majorana* (RAUF A, et al., 2021).

Já o chá verde (*Camellia sinensis*), em estudos epidemiológicos/experimentais e não experimentais não teve resultados consistentes, oferecendo, portanto, evidências limitadas sobre o efeito positivo do consumo de chá verde no risco geral de câncer ou em áreas específicas de incidência (FILIPPINI T, et al., 2020).

Embora os quadros agudos sejam os mais associados com plantas medicinais, hoje sabe-se que no benefício da fitoterapia vai muito além do que isso. Um estudo feito por Wu R et al (2019) mostrou que a curcumina pode ser ação quimiopreventiva, principalmente para os estágios iniciais do câncer colorretal de origem inflamatória. Esse pigmento amarelo encontrado nos rizomas da curcuma exibe fortes marcantes de propriedades anticancerígenas, antioxidantes e anti-inflamatórias da curcumina, que regula diversas vias de sinalização. Entre elas, destacando-se o fator 2 relacionado ao fator nuclear eritróide-2, o fator nuclear-κB, e as vias epigenéticas/epigenômicas envolvendo modificações nas histonas e metilação do DNA.

Existem ainda evidências de que há plantas medicinais que atuam no eixo microbiota-intestino-cérebro. O ecossistema do intestino humano, está relacionado com o aparecimento de doenças neurodegenerativas como a doença de Parkinson (DP) e a doença de Alzheimer (DA).

As interações entre o sistema nervoso entérico e do sistema nervoso central é mediado por vias imunológicas, endócrinas e neurônios que se comunicam a partir de divisões simpáticas e parassimpáticas do sistema nervoso autônomo (SNA), o eixo hipotálamo-hipófise-adrenal (HPA) e o eixo simpatoadrenal.

Nesse ambiente, pesquisas apontam que a disbiose dessa microbiota seria um fator predisponente para doenças neurodegenerativas pois os micróbios intestinais afetam nesse sistema de comunicação, por meio de complexas cascatas neuroimunes e neuroendócrinas que ainda estão sob investigação.

Assim probióticos, simbióticos e probióticos isolados ou derivados de fitoterápicos, como os frutooligosacarídeos, *Bacopa monnieri*, *Mucuna pruriens* var. *utilis*, *Withania somnifera*, se mostraram promissoras para redução dos sintomas em alguns estudos. Porém estudos adicionais são necessários para compreender mais sobre a possível neuroproteção que esses fitoterápicos oferecem (PETERSON CR, 2020).

Tendo como base a utilização terapêutica e bem disseminada, foram organizadas no **Quadro 1**, as plantas oriundas do levantamento bibliográfico quando a seu nome científico/popular, partes usadas e indicação terapêutica.

Quadro 1 - Espécies de plantas medicinais que atuam no sistema digestivo.

Nomenclatura Popular	Nomenclatura Científica	Indicação	Partes Utilizadas
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis L.</i>	Antidispéptico	Folhas
Alcaçuz	<i>Glycyrrhiza glabra</i>	Dispepsia	Raízes e rizoma
Alcachofra	<i>Cynara scolymus L.</i>	Antidispéptico; Antiflatulento	Folhas
Anis-estrelado	<i>Illicium verum Hook F.</i>	Expectorante; Antidispéptico	Frutos
Boldo	<i>Plectranthus barbatus A.</i>	Dispepsia	Folhas
Cáscara sagrada	<i>Rhamnus Purshiana</i>	Constipação intestinal	Cascas
Caatinga de mulata	<i>Tanacetum vulgare L.</i>	Enxaqueca, Antidispéptica, Picadas de insetos, Bronquite, Artrites, Gripe	Infusão de flores
Camomila	<i>Matricaria chamomilla L.</i>	Tratamento sintomático de queixas gastrointestinais leves; Alívio de afecções cutâneas leves	Folhas
Carqueja	<i>Baccharis trimera (L.)</i>	Dispepsia	Cascas ou folhas
Erva cidreira	<i>Lippia alba</i>	Cólicas abdominais, distúrbios estomacais e flatulências	Folhas frescas ou secas
Erva-doce	<i>Pimpinella anisum L.</i>	Cólicas intestinais e dispepsia	Frutos ou a planta toda
Espinheira santa	<i>Maytenus ilicifolia</i>	Ação antigástrica e proteção contra a mucosa do estômago	Folhas
Funcho	<i>Foeniculum vulgare M.</i>	Tratamento sintomático de queixas gastrointestinais leves; Antiflatulento; Antiespasmódico	Folhas
Gengibre	<i>Zingiber officinale R.</i>	Antiemético; Antidispéptico; Expectorante; Alívio e prevenção de cinetose	Caule
Hortelã	<i>Mentha x piperita L.</i>	Antiespasmódico; Antiflatulento	Folha
Limão	<i>Citrus limon(L.)</i>	Antisséptico, Antiemético, Antidepressivo, Anti-inflamatório, Antiespasmódico, Antirreumático	Casca do fruto
Losna	<i>Achyrocline satureioides (Lam.) DC.</i>	Problemas do trato digestivo e estados inflamatórios	Folha
Maçã	<i>Malus domestica</i>	Diurética, Laxante	Folha
Melissa ou erva-cidreira	<i>Melissa officinalis L.</i>	Ansiolítico; Tratamento sintomático de queixas gastrointestinais leves	Folha
Erva-doce	<i>Pimpinella anisum L.</i>	Cólicas intestinais e dispepsia	Frutos ou a planta toda
Poejo	<i>Mentha pulegium</i>	Antimicrobiana, Expectorante, Antiespasmódico	Raiz, folhas e frutos
Carqueja	<i>Baccharis trimera (L.)</i>	Dispepsia	Cascas ou folhas
Boldo	<i>Plectranthus barbatus A.</i>	Dispepsia	Folhas
Alcaçuz	<i>Glycyrrhiza glabra</i>	Dispepsia	Raízes e rizoma
Erva-doce	<i>Pimpinella anisum L.</i>	Cólicas intestinais e dispepsia	Frutos ou a planta toda
Cáscara sagrada	<i>Rhamnus Purshiana</i>	Constipação intestinal	Cascas

Fonte: Rios FMM, et al., 2024; dados extraídos de De Abreu JO e Abreu CR, 2022.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A incorporação da fitoterapia nos serviços de saúde pública no Brasil tem como objetivos resgatar a tradição do uso de plantas medicinais pela população, ampliar o acesso a essas alternativas terapêuticas, prevenir agravos à saúde e promover a manutenção, recuperação e promoção da saúde. O uso desses fitoterápicos em sua maioria foi relacionado às condições de desordens do sistema digestório, porém deve-se ter cuidado quanto aos efeitos adversos e se há mesmo propriedades curativas das substâncias. Apesar de promissora, ainda faltam muitos estudos sobre a evidência científica das plantas medicinais utilizadas na área da fitoterapia. A sensibilização e capacitação de profissionais de saúde sobre o tema é importante área melhorar o conhecimento do tema para melhor orientar e recomendar o paciente para o uso desses fitoterápicos e para a detecção e caracterização das reações adversas.

REFERÊNCIAS

1. ALVES GQ, et al. Influência da ingestão de plantas medicinais e produtos fitoterápicos sobre a composição da microbiota intestinal: uma revisão integrativa. *Brazilian Journal of Health Review*, 2020; 3 (6): 18713-18724.
2. ATKINSON NSS e BRADEN B. Helicobacter Pylori Infection: Diagnostic Strategies in Primary Diagnosis and After Therapy. *Digestive Diseases and Sciences*, 2016; 61(1): 19–24.
3. BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Dispõe sobre as boas práticas de processamento e armazenamento de plantas medicinais, preparação e dispensação de produtos magistrais e oficinais de plantas medicinais e fitoterápicos em farmácias vivas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Resolução de Diretoria Colegiada n.18, 3 de abril de 2013. *Diário Oficial da União*, 5 abr. 2013. Seção 1, p. 67.
4. AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. Formulário de Fitoterápicos da Farmacopeia Brasileira, Primeiro Suplemento [Internet].
5. BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Publica a Lista de medicamentos fitoterápicos de registro simplificado e a Lista de produtos tradicionais fitoterápicos de registro simplificado. Instrução Normativa n. 2, 13 de maio de 2014. *Diário Oficial da União*, 14 mai. 2014. Seção 1, p. 58.
6. CASTRO MR e FIGUEIREDO FF. Saberes tradicionais, biodiversidade, práticas integrativas e complementares: o uso de plantas medicinais no SUS. *Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*, 2009; 15(31): 56-70
7. CAVALCANTI JT. de F, et al. A utilização e importância da fitoterapia como política pública de saúde. *Revista Multidisciplinar em Saúde*, [S. l.], 2021; 2 (3): 17.
8. DE ABREU JO e DE CARVALHO ABREU CR. A utilização de fitoterápicos no sistema único de saúde: revisão integrativa. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, 2022; 5(10): 213-223.
9. DO AMARAL, AS et al. Os reflexos da fitoterapia frente ao conhecimento popular e científico. *Revista Multidisciplinar em Saúde*, 2021; 2(4): 226-226.
10. FERREIRA, ET, et al. A utilização de plantas medicinais e fitoterápicos: uma revisão integrativa sobre a atuação do enfermeiro. *Brazilian Journal of Health Review*, 2019; 2(3): 1511-1523.
11. FILLIPINI T, et al. Green tea (*Camellia sinensis*) for the prevention of cancer. *The Cochrane database of systematic reviews*, 2020; 3(3): CD005004.
12. GARCIA JS e OLIVEIRA JCJF. Espinheira Santa: do extrativismo à produção sustentável. *Nativa*, Sinop, 2021; 9(4): 401-412.
13. HARAGUCHI LMM, et al. Impact of the Training of Professionals from São Paulo Public Health System in Phytotherapy Practice. *Revista Brasileira de Educação Médica* [online], 2020; 44(01): e016.
14. IMENSHADIDI M e HOSSEINZADEH H (2019). Berberine and barberry (*Berberis vulgaris*): A clinical review. *Phytotherapy research*, 2019; 33(3): 504–523.
15. LOMBARDO, M. Fitoterápicos na atenção básica de problemas gastrointestinais. *Revista Ciência e Saúde On-line*, 2021; 6(1).
16. LOPES TS, et al. Associação entre distúrbios gastrointestinais e disfunção temporomandibular: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 2022; 11(15): e30111536910-e30111536910.
17. MACEDO, WL. Uso da fitoterapia no tratamento de doenças crônicas não transmissíveis: revisão integrativa. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*, 2019.
18. MACENO, R. Eficácia/efetividade da fitoterapia no tratamento da gastrite: uma análise da literatura. 2021.
19. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

20. MORGADO JB e GUERRA LD da S. Plantas medicinais e fitoterápicos – esperanças no mundo capitalista contemporâneo: revisão integrativa sobre contribuições econômicas para o Brasil. *JMPHC | Journal of Management & Primary Health Care* [S. l.], 2023; 15(spec):. e032,
21. OLIVEIRA DF, et al. Fitoterápicos que atuam no sistema digestório: possíveis mecanismos de ação. *Brazilian Journal of health Review. Braz. J. Hea. Rev.*, 2020; 3(3): 4274-4297.
22. OLIVEIRA DF, et al. Fitoterápicos que atuam no sistema digestório: possíveis mecanismos de ação. *Brazilian Journal of health Review*, [s. l.], 2020; 3(3): 4274-4297.
23. OLIVEIRA KKB, et al. Plantas medicinais utilizadas para tratar distúrbios gastrointestinais: Revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 2020; 9(9).
24. PATRÍCIO KP et al. O uso de plantas medicinais na atenção primária à saúde: revisão integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2022; 27: 677-686.
25. PELETEIRO B et al. Prevalence of *Helicobacter pylori* infection worldwide: a systematic review of studies with national coverage. *Digestive diseases and sciences*, 2014; 59(8): 1698-1709.
26. Peterson CT. Dysfunction of the Microbiota-Gut-Brain Axis in Neurodegenerative Disease: The Promise of Therapeutic Modulation With Prebiotics, Medicinal Herbs, Probiotics, and Synbiotics. *Journal of evidence-based integrative medicine*, 2020; 25: 2515690X20957225.
27. PFEIFER, Gabriele Luísa et al. RELÓGIO BIOLÓGICO: A IMPORTÂNCIA DA FITOTERAPIA. *Anais da Feira de Ciência, Tecnologia, Arte e Cultura do Instituto Federal Catarinense do Campus Concórdia*, v. 5, n. 1, p. 41-41, 2022.
28. PINHEIRO A. Constipação intestinal: tratamento com fitoterápicos. *Rev.Científica FAEMA*, 2018.
29. RAUF A. Antispasmodic Potential of Medicinal Plants: A Comprehensive Review. *Oxidative medicine and cellular longevity*, 2021
30. RIED K. Herbal formula improves upper and lower gastrointestinal symptoms and gut health in Australian adults with digestive disorders. *Nutrition research (New York, N.Y.)*, 2020; 76: 37–51.
31. SOUZA, MVF, et al. Plantas medicinais e o cenário da atenção farmacêutica no tratamento de distúrbios gastrointestinais. *Brazilian Journal of Development, Curitiba*, 2021; 7(11): 103188- 103201.
32. WU R, et al. (2020). Epigenetics/epigenomics and prevention by curcumin of early stages of inflammatory-driven colon cancer. *Molecular carcinogenesis*, 2020; 59(2): 227–236.
33. ZHU B, et al. (2018). The traditional uses, phytochemistry, and pharmacology of *Atractylodes macrocephala* Koidz.: A review. *Journal of ethnopharmacology*, 2018; 226: 143–167.